

DIRETOR: ANA CRISTINA GIL
 EDITOR: ADOLFO FIALHO
 EQUIPA EDITORIAL: ANA DIOGO,
 CATARINA RODRIGUES,
 LEONOR SAMPAIO DA SILVA,
 MAGDA CARVALHO,
 MARIA DA LUZ CORREIA,
 SUZANA NUNES CALDEIRA

FEVEREIRO DE 2022 • nº 48

AGORA

Página Facebook: <https://www.facebook.com/Agora-1851778665043178> | Email: agora.fcsh@gmail.com

JORNAL
 DA FACULDADE
 DE CIÊNCIAS SOCIAIS
 E HUMANAS
 DA UNIVERSIDADE
 DOS AÇORES

Nota de abertura

É tudo uma questão de tempo...

Um mês de janeiro passou a voar e o AGORA convida-nos a uma renovada viagem pelas iniciativas da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH), no arranque do novo ano que agora começa.

Neste número, a rubrica *Agora* dá notícia da cerimónia comemorativa do 46.º aniversário da UAc, na qual foi distinguido o mérito escolar de alguns alunos da FCSH. Em tempo de comemorar, também parabenizamos a Licenciatura em Sociologia que celebra este ano letivo o seu 25.º aniversário.

A *conversa escrita* deste mês faz eco da missão assumida pelo Centro de Resposta a Emergências (CRE) da UAc, tão importante no contexto pandémico que atravessamos.

Em *Agora é moda* procuramos contrariar os efeitos secundários da pandemia e disfarçar as marcas físicas deixadas pelo tempo. Em *Alumni* partilhamos as memórias de tempos idos passados na UAc, evocados pelo nosso antigo aluno Jorge Lopes e em *Agora deu-me para isso* viajamos pelo tempo e pelas palavras do nosso colaborador Fernando Ribeiro, coordenador de área da Biblioteca da Academia.

ADOLFO FIALHO (DOCENTE DA FCSH)

Ágora

Azores All in Blue - Um projeto de turismo inclusivo

Azores all in Blue é um projeto de investigação e desenvolvimento destinado à criação de produtos turísticos inovadores nos Açores para famílias com crianças com Perturbações do Espectro do Autismo (PEA). O quotidiano das famílias com crianças com diagnóstico de PEA tem exigências acrescidas, devido ao impacto que esta perturbação do neurodesenvolvimento traz ao funcionamento familiar. Os Açores, pelas suas características naturais, têm potencialidades para facilitar a conjugação de rituais específicos e rotinas habituais, tão importantes para crianças com PEA, com situações de descontração e lazer de toda a família. Para conceber iniciativas e programas que possam ir ao encontro das reais expectativas destas famílias, importa conhecer as suas motivações, preocupações e tipo de atividades preferidas em situações de turismo e lazer. Importa, também, conhecer as perspetivas, as motivações e as preocupações de fornecedores de serviços desta área relativamente à possibilidade de atender famílias com crianças com diagnóstico de PEA. É esse trabalho de investigação que se encontra em curso e no qual par-



"Os Açores têm um enorme potencial para acolher famílias com crianças com diagnóstico de PEA".

ticipa a Universidade dos Açores (UAc), em conjunto com o CDIJA e a AÇOREANA DMC. Neste momento, decorre um levantamento junto de famílias de diferentes países (foram lançados questionários em 5 línguas: português, alemão, espanhol, francês e inglês) e fornecedores de atividades de turismo e lazer nos Açores.

A equipa de investigação da UAc é constituída por Áurea Sousa, Isabel Estrela Rego, Jéssica Pacheco, Osvaldo Silva e Suzana Nunes Caldeira. Pelo CDIJA participam Pilar Mota, Rita Conde e Tânia Botelho e, pela AÇOREANA, Ana Pereira, Carlos Rodrigues, Margarida Cabral e Patrícia Raposo. Importa sublinhar que estudar a

problemática do Autismo nos Açores tem constituído um forte elo entre a UAc e o CDIJA. Os primeiros trabalhos datam de 2018, permitindo atualizar dados relativos à Região e propor atuações com base em informação substantiva.

SUZANA NUNES CALDEIRA
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Fernando Ribeiro convida-nos a uma viagem pelo tempo e pelas palavras...

página 2

Alumni

Jorge Lopes evoca as saudosas memórias da sua passagem pela UAc

página 2

Conversa Escrita

Suzana Mira Leal falou-nos da missão do Centro de Resposta a Emergências da UAc

página 3

Agora

46 anos: UAc soma e segue

O início de janeiro é sempre motivo de festa na academia açoriana. Desta vez, comemoraram-se os 46 da Universidade dos Açores (UAc), numa cerimónia que

decorreu a 17 de janeiro. Iniciando-se com o tradicional cortejo, a celebração incluiu os discursos do Reitor, do Presidente do Conselho Geral e da Presidente da Direção da Associação Académica da UAc. Houve ainda lugar às intervenções externas: do Presidente da Assembleia Legislativa Regional dos Açores, do Presidente do Governo Regional dos Açores e do Presidente da Câmara Municipal de Ponta Delgada. Momento sempre muito impor-

ante é o da homenagem a membros da UAc - em que se destacou uma homenagem póstuma à Professora Ana Neto, com a entrega de um prémio com o seu nome a uma estudante do curso de Biologia - e o reconhecimento do mérito escolar dos estudantes dos anos letivos anteriores. A cerimónia foi ainda pontuada com momentos musicais da responsabilidade do Conservatório Regional de Ponta Delgada e do Trio Jazz MPM.



Desta manhã de celebração ficou a ideia transversal de que a UAc já muito construiu nestes 46 anos de vida, havendo muito ainda a fazer, com novos e velhos desafios a vencer nos próximos tempos. Energia, persistência e sucesso é o que desejamos continue a caracterizar a atividade de toda esta comunidade académica.

ANA CRISTINA GIL
 (DOCENTE DA FCSH)

Agora deu-me para isso

Jogar com o alfabeto para escrever emoções

Fernando Ribeiro iniciou funções na Universidade dos Açores em 1977 e é o atual Coordenador de área da Biblioteca, Arquivo e Museu da Academia.

Nesta Ágora de partilha de vivências, este Agora é um viajante do Tempo que por um momento, este, atreve-se a arriscar no jogo do Alfabeto e a expor textos breves, frásicos fragmentos descritivos de emoção, fantasia, imaginação, memória, paixão, marcas da dinâmica inconsciente.

Passado

[Agora já me deu para isso]
Sobre a água tenho a certeza que

é um elemento purificador. Todos os iões do meu ser entram em aceleração quando em contacto com todos os iões do não-ser água e o resultado desse intercâmbio iónico é um sentir me pertença efectiva deste planeta, deste sistema solar, desta galáxia, deste Universo. Quem me dera poder submergir e permanecer nesse estado interminavelmente... e depois poder decidir retornar a condição para ao que vim... Ser um interminável intermitente.

Presente

[Agora deu-me para isso]
... de volta, com alguma suposta poesia que possivelmente conheço de outras leituras. Mas a poesia imortaliza e jamais se repete, mesmo que lida múltiplas vezes, porque é múltiplo o sentir de quem as lê... senão não as escreleria.



Fernando Ribeiro convida-nos a uma viagem, entre o passado e o futuro, pelo tempo e pelas palavras...

Quero ser poeta
Porque poeta não sou
Quero ser esteta
Pela estrada por onde vou
Tomar a palavra
Arquitectar o sentido
Rasgar a Vida como quem lavra
E vai de espírito vestido
Quero ser Poeta
E germinar o adverso
Ser a Palavra
Campo vindimado de verso

Futuro

[Agora há de dar-me para isso]
Saber que nasci na Primavera quando aqui é Outono? Nasci a caminho do verão, quando as folhas e as flores estão em todo o seu esplendor. E contendo eu o desabrochar da Natureza que o destino determinou, devo reprimi-lo perante este outro destino que é o da Primavera que não é porque é Outono. E agora que se me apresenta a Primavera fico

confuso porque o que contendo neste momento é o Outono. Sou como uma folha de árvore a perder o verde e a ganhar a eternidade que, levada pela brisa, se solta discretamente para a renovação. ... mas, quando chegar o Sol deverei aclarar nas águas do Atlântico, bem envolto na espuma da vida, a confusão de um ser que deambula ao sabor da maresia.

FERNANDO RIBEIRO (FUNCIONÁRIO DA UAc)

25 anos de Sociologia na UAc

A licenciatura em Sociologia da Universidade dos Açores celebra este ano letivo o seu 25.º aniversário.

A criação deste curso representou um passo importante na afirmação de uma área que marcou presença na vida desta instituição desde o seu início, nomeadamente, através do Centro de Estudos Açorianos, mais tarde Centro de Estudos Sociais, onde foram realizados os primeiros estudos sociológicos sobre a realidade açoriana. Mais recentemente, o Departamento de Sociologia e o CICS têm contribuído para a consolidação deste campo.

Ao longo destes vinte e cinco anos a licenciatura em Sociologia formou mais de 400 diplomados que ingressaram no mercado de tra-

balho em áreas tão diversificadas como conceção e liderança de projetos; apoio técnico à integração social; consultoria em organizações e recursos humanos; gestão de empresas e ONG; formação. Com uma elevada empregabilidade, o último inquérito realizado pela UAc indica que apenas 4,5% dos diplomados em Sociologia estavam desempregados e que a grande maioria obteve emprego na área do curso.

ANA DIOGO (DOCENTE DA FCSH)



DIREITOS RESERVADOS

Alumni

Ponta Delgada, 1983-1987: a emoção do “regresso”

No dia 10 de outubro de 1983 cheguei a Ponta Delgada para iniciar uma etapa crucial da minha vida: a entrada no ensino superior. Com apenas 18 anos, ainda dominado pelo conforto e proteção do ambiente familiar, sentia alguma apreensão face à nova realidade que estava prestes a enfrentar. Poucos dias depois as nuvens dissiparam-se, os receios desapareceram, e a maravilhosa ilha de S. Miguel passou a ocupar um lugar de destaque no meu património de experiências e memórias.

É particularmente difícil descrever com exatidão os quatro anos passados na ilha. Desde o primeiro dia, uma ampla diversidade de fatores convergiu para que a minha integração fosse plena: a amabilidade e disponibilidade dos micalenses, os elevados padrões de qualidade e exigência do corpo docente da faculdade e a amizade e companheirismo dos meus colegas de turma. Todos es-

tes elementos confluíram para me proporcionar uma inolvidável experiência de vida, que ainda hoje me emociona profundamente. Os tempos de estudante são muitas vezes recordados de uma forma que pouco ou nada terá a ver com a realidade dos factos. Como já tinha intuído o grande romancista Vergílio Ferreira, o passado não tem a ver com o que realmente aconteceu, mas sim com a reinterpretação que nós fazemos desse mesmo passado, irremediavelmente transformado pelo processo de presentificação e reprodução dos episódios vividos. Esses mecanismos de recuperação da memória estão sempre dependentes dos modos diferenciados de avaliar as diversas fases da nossa vida, à medida que nós próprios nos vamos transformando com o avançar da idade, reavaliando supostas certezas da juventude à luz do nosso eu do presente.

No meu caso, a avaliação que fiz em julho de 1987, quando parti da



Jorge Lopes é licenciado em Estudos Portugueses e Inglêses pela UAc e docente do ISAG - Porto.

Ilha de S. Miguel, é rigorosamente idêntica à que faço hoje. Nesses quatro anos mágicos e irrecuperáveis, a minha aprendizagem não se limitou à sala de aula: foi consolidada pelos colegas e professores que me acompanharam nesse caminho, agora recordado com tanta nostalgia e afeto. Perdoem a ousadia, mas é com indisculpável orgulho que me considero um Micaelense. Um dia, irei certamente voltar, para tentar recuperar um pouco dessa juventude perdida...

JORGE LOPES (ANTIGO ALUNO DA UAc)

Agora... o CRE-UAc

“No CRE, a comunidade académica procura aconselhamento, tranquilidade e até apoio emocional”

Com o pico da quinta vaga da COVID-19 e os recordes diários no número de infeções por COVID-19, o Centro de Resposta a Emergências da UAc é por estes dias uma espécie de centro nevrálgico no quotidiano da academia. A Vice-Reitora para a Comunicação, Relações Externas e Internacionalização e coordenadora do CRE no campus de Ponta Delgada, Susana Mira Leal, descreve ao *Agora* esta estrutura, criada em fevereiro de 2020 para responder aos riscos de disseminação da Covid-19 na UAc, que deverá permanecer como serviço de prevenção e gestão de outras situações que coloquem em causa a segurança da academia.

Pode apresentar-nos a equipa do CRE-UAc e a sua missão no atual contexto pandémico?

O CRE integra atualmente o reitor, a diretora do serviço da reitoria e um vice ou pró-reitor coordenador de cada polo, que, em articulação com os responsáveis pelas demais estruturas da UAc, garante a atualização e operacionalização do plano de contingência para a Covid-19 da instituição, e avalia diariamente as situações de risco que envolvem membros da comunidade académica, fazendo recomendações, gerindo espaços e acessos, organizando operações de testagem, garantindo equipamentos e materiais de proteção individual e as demais ações necessárias ao cumprimento da sua missão. No CRE a comunidade académica procura aconselhamento, tranquilidade e até apoio emocional quando outras respostas tardam ou falham. E o CRE está ativo em permanência para garantir essa resposta.

Um pouco por todo o mundo têm-se atingido os mais altos números diários de infeções por COVID-19 desde o início da pandemia. A UAc não é exceção...



Susana Mira Leal é a Coordenadora do CRE no campus de Ponta Delgada.

A UAc integra uma comunidade com quase 4000 pessoas distribuídas por três polos, cada uma com as suas redes sociais dentro e fora da instituição. É, pois, natural que a flutuação no número de casos nos Açores se reflita na evolução do número de casos positivos e contactos de risco na UAc. Com efeito, esta vaga da pandemia de COVID-19 fez disparar o número de casos positivos e de contactos de risco na UAc. O CRE

mantém o registo desses números para acompanhar as situações e sustentar as decisões, partilhando-o periodicamente com outros responsáveis da instituição. Em 2020 a UAc registou apenas alguns casos positivos, em 2021 acumulou cerca de 80 casos e mais de 100 contactos de risco elevado, números mais do que duplicados neste mês de janeiro. Os casos decorrem maioritariamente de contactos externos à instituição, mas o in-

cumprimento das regras de proteção preconizadas pela instituição tem originado situações de risco evitáveis.

O aumento de casos tem mudado as medidas implementadas?

Sim, esses números, acompanhados das mudanças nos critérios e orientações das autoridades de saúde, têm naturalmente imposto o ajustamento das respostas internas. A comunicação com o CRE começou por ser realizada por telefone e email. Entretanto, a gestão de situações mais críticas, como sucedeu com estudantes em mobilidade apanhados pela primeira vaga da pandemia, aconselharam à realização de reuniões via zoom para o acompanhamento e apoio emocional a estudantes e famílias. Entretanto, o fluxo de comunicação e as necessidades mais prementes em cada momento têm imposto a procura de respostas mais eficientes. A criação de formulários foi uma das estratégias adotadas, permitindo a recolha imediata da informação necessária para a avaliação das situações, o encaminhamento da informação para os intervenientes relevantes, bem como a receção imediata de recomendações adequadas a cada caso.

Este pico da pandemia coincidiu com o fim do 1.º semestre, um momento do ano letivo em que se concentram avaliações, o que agravou a complexidade da situação...

Estes são sem dúvida tempos difíceis para estudantes e docentes, que se deparam diariamente com situações de isolamento que impõem a lecionação em simultâneo para estudantes online e na sala de aula, e a reprogramação súbita e recorrente de provas de avaliação. Nesta matéria, realçamos a resposta positiva e a resiliência responsável dos estudantes e docentes da UAc que, no geral, se têm mostrado à altura dos acontecimentos.

Caso as infeções diárias por COVID-19 se mantenham nos próximos meses, justificar-se-á um modelo de funcionamento à distância?

O CRE está atento ao evoluir da situação, e continuará a ajustar a sua resposta às circunstâncias, considerando as orientações nacionais e regionais. À data existe alargado consenso sobre a importância de as atividades letivas decorrerem de forma presencial e as orientações que temos são nesse sentido. Durante o mês de fevereiro, com a interrupção de semestre, o número de pessoas nos *campi* diminuirá consideravelmente. No regresso às aulas, em março, reavaliaremos a situação.

MARIA DA LUZ CO RREIA (DOCENTE DA FCSH)

Agora é moda

O rejuvenescimento facial

ILUSTRAÇÃO DE CARLA MEDEIROS (ANTIGA ALUNA DO MESTRADO EM PRÉ-PROFISSIONAL DA FCSH)



Tudo pelo combate à ruga indesejada...

Uma grande parte das mulheres está rejuvenescendo, o que me tem dado muito que pensar, sobretudo quando reparo que a tendência alastra sobretudo pelas mais velhas. Primeiro, pensei que este fosse um efeito secundário da pandemia, dada a evidente santidade da vida que temos levado: a reduzida exposição ao sol, chuva e vento, assim como um recolher quase obrigatório ao fim de semana e a abstinência de noitadas podiam ter originado o regresso à doce sensação de epiderme lisa.

Depois, verifiquei que o rejuvenescimento ataca de forma desigual a população feminina e procurei noutras instâncias resposta para o enigma. Estava embrenhada nestas demandas e cogitações quando alguém me disse que, ao contactar um centro dentário para marcar uma consulta, lhe tinham perguntado da receção:

- A senhora deseja uma consulta para dentes ou pele?

A inquirida reprimira a tempo "A pele não me dói, sua burra" e assim se livrara da vergonha de passar por ignorante. A pergunta fora feita com tal naturalidade que levava a pensar que se tratava de prática frequente. Serviu esta troca de impressões para eu me aperceber da grande procura que dentistas, esteticistas e afins estão a ter para realizarem esta maravilhosa missão de Combate à Ruga Indesejada.

Quando se está atenta aos saltos da moda (como esta vossa cronista), há que informar com todo o rigor. Assim, munida da maior atenção, fui em busca de detalhes sobre a panóplia de opções que o mercado tem para oferecer. Ficai, pois, a saber que, entre as técnicas de rejuvenescimento facial mais populares, encontrareis as seguintes:

1. Injeção de toxina botulínica.

Para quem não sabe, trata-se de uma bactéria que inibe a contração dos músculos causando a chamada cara de betão à vista. Ao fim de algumas aplicações, pode-se tatuar as bochechas.

2. Aplicação de ácido hialurónico. Esta técnica é especialmente indicada para reduzir o bigode chinês, que é coisa que nenhuma mulher que se preza admite à sua frente.

3. Preenchimento com bioestimuladores: técnica que recorre a substâncias impronunciáveis.

4. Fios de sustentação - é sinistro demais para descrição num suplemento familiar, como o nosso.

Ainda não está estudado o efeito da interação destas técnicas com o corona vírus. Mas perante a possibilidade de se ter um bigode chinês, o corona é o que menos importa.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
(DOCENTE DA FCSH)

Agora Veja

ST

Paulo Medeiros

Esta rubrica tem a colaboração da Associação de Fotógrafos Amadores dos Açores (AFAA).



Agora é hora

In memoriam Maria José Cavaco (1967-2022)

Conheci a Maria José durante a fase de pesquisa para a elaboração do livro *Um pacto com as Artes - 30 anos da Academia das Artes dos Açores*, publicado em 2010. Além da investigação no arquivo da ADA, entrevistei várias pessoas que haviam acompanhado e/ou participado no desenrolar do projeto sonhado por Luísa Constantina. A Maria José cedo se destacou não só pelo conhecimento que possuía como pela disponibilidade em procurar informação, esclarecer dúvidas, oferecer opinião. Desses tempos nasceu uma amizade que se manteve ao longo dos anos.

Foi professora, dirigente da ADA, curadora, investigadora. Mas é enquanto artista que ela se realiza. Neste campo, não marca apenas uma geração; ela marca a arte nos Açores. Todo o seu trabalho se timbra por enorme consistência ao nível conceptual e formal. Ela tinha a técnica e o pensamento. E usou-os para mostrar a poesia das imagens, a sua beleza fraturada, às vezes porosa, frágil; outras vezes, portentosa, esmagadora. Recordá-la exige que reconheça-

mos também o peso imenso da linguagem verbal na sua arte e na sua vida. Sempre em busca da palavra insubstituível para a imagem indispensável, ela conferia dignidade ao ato de falar e de escrever. O cuidado com que escreveu para as suas exposições é revelador de uma mestria artística que derruba muros. A sua tese de doutoramento comprova a argúcia da sua mente.

No campo do ensino, a Maria José deixou um importante legado como professora e colega na Universidade dos Açores; muito mais do que a própria universidade sabe, porque participou em trabalhos que não tiveram continuidade e outros que ainda não deram fruto. Nunca se esquivou a partilhar o seu saber para benefício da academia, sem esperar nada em troca - apenas, por raro, generoso e precioso imperativo interno. De riso franco e humor inteligente, a Maria José Cavaco permanecerá na obra que nos deixou e nas memórias felizes que espalhou à sua volta.

LEONOR SAMPAIO DA SILVA
(DOCENTE DA FCSH)

DIREITOS RESERVADOS



Maria José Cavaco colaborou durante largos anos com a UAc-FCSH.

Ficha Técnica

Adolfo Fialho, Ana Cristina Gil, Ana Diogo, André Mendonça, Carla Medeiros, Fernando Ribeiro, Jorge Lopes, Leonor Sampaio da Silva, Maria da Luz Correia, Paulo Medeiros, Rui Silvestre e Suzana Nunes Caldeira.